



Manuel Bandeira

Estrela da manhã

**global**  
editora



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

**O [LE LIVROS](#) E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: [LELIVROS.LOVE](#) OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE [LINK](#).**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER UNIDO NA BUSCA DO CONHECIMENTO, E NÃO MAIS LUTANDO POR DINHEIRO E PODER,**

**ENTÃO NOSSA SOCIEDADE PODERÁ  
ENFIM EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---





Manuel Bandeira

Estrela da manhã

global  
editora

# **Estrela da manhã**

Manuel Bandeira

\*\*\*

1ª edição digital

São Paulo

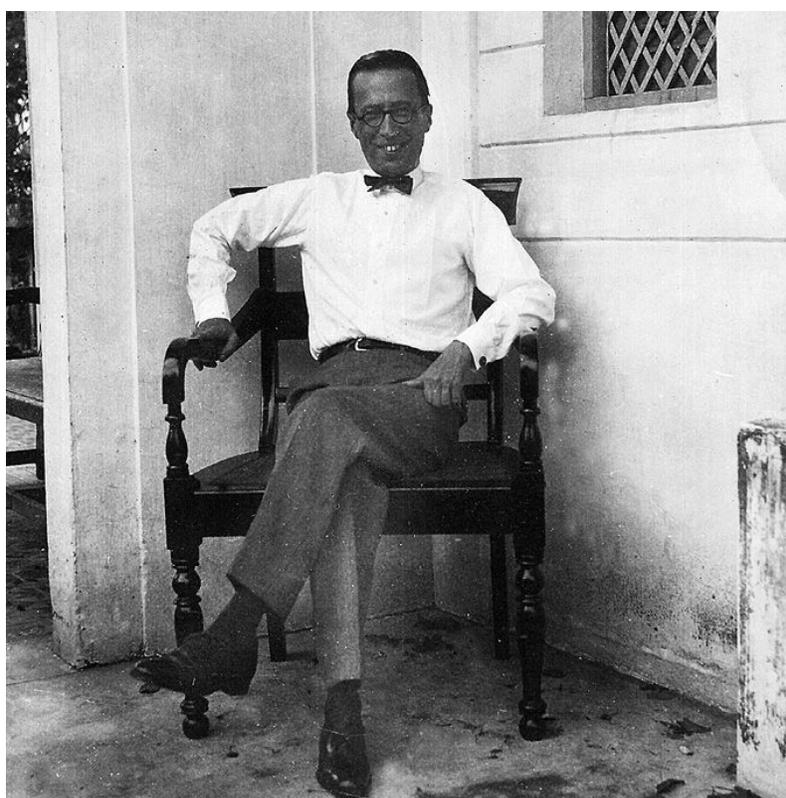
2012

**global**  
editora

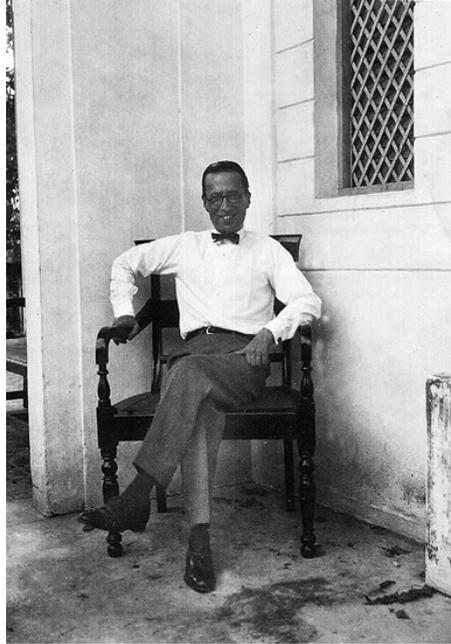




Manuel Bandeira em 1908.



Na casa de Gilberto Freyre, no Recife, década de 1920.



Manuel Bandeira, em 1926.



Capa da primeira edição de *Estrela da manhã*, 1936, com desenho de Santa Rosa.

LISTA DOS SUBSCRITORES DE ESTRELA DA MANHÃ

17  
d

- x 1. Luís Camilo
- x 2. Fredy Blank
- x 3. Manuel Alves de Sousa
- x 4. Emilio Moura
- pg. 5. Marie de Andrade
- x 6. M. B.
- 7. Marie de Andrade
- pg. 8. Biblioteca Municipal de S. Paulo
- x 9. Rodrigo M. F. de Andrade
- x 10. Vera M. F. de Andrade
- pg. 11. Rui Coutinho
- pg. 12. Oneida Alvarenga
- 13. Jose Olimpio
- pg. 14. Fernando Mendes de Almeida
- pg. 15. Paulo Ribeiro de Magalhães
- pg. 16. Antonio Couto de Barres
- pg. 17. Afonso Arinos de Melo Franco
- x 18. Santa Rosa
- pg. 19. Pedro Nava
- pg. 20. Jaime Ovale
- pg. 21. Adalgiza Neri
- pg. 22. Lucia Miguel-Pereira
- pg. 23. Jose Lins de Rego
- pg. 24. Sergio Buarque de Holanda
- x 25. Pertinari
- 26. Carlos Leão
- x 27. Carlos Drummond de Andrade
- x 28. Gustavo Capanema
- pg. 29. Jerge de Lima
- x 30. Ribeiro Couto
- pg. 31. Armande de Oliveira
- pg. 32. Otavio Tarquinio
- 33. Prudente de Moraes, neto
- pg. 34. Gilberto Freyre
- x 35. Jose Claudio da Costa Ribeiro
- 36.
- 37. Onestaldo de Pennafert
- 38. Anibal Machado
- pg. 39. Manuel Leão
- pg. 40. Mucio Leão
- pg. 41. Vinicius de Moraes
- pg. 42. Pernambuco
- pg. 43. Pernambuco
- pg. 44. Olive Mentenegr
- x 45. Lucie Cardese
- pg. 46. Pernambuco
- pg. 47. Milton Campos
- pg. 48. Amanto Fontes
- x 49. M. B.
- x 50. Alvaro Moreyra

III-40

Lista dos subscritores da primeira edição de *Estrela da manhã*.



Manuel Bandeira em casa de seus pais, no Rio.



Na Rua do Curvelo, Santa Teresa, Rio, década de 1920.



Manuel Bandeira em retrato de Nicolas Alagemovitz, década de 1930.



Em conversa com o amigo Orígenes Lessa, na década de 1950.



Manuel Bandeira em Teresópolis, 1966 (p. 8 e 9).

## O poeta da transição

Manuel Bandeira pode ser visto como o poeta que realizou a transição da poesia brasileira do final do século XIX para a poesia moderna, ou seja, da poética parnasiano-simbolista para o verso livre e a linguagem coloquial, espontânea. Se pode não ter sido o único, foi certamente quem melhor o fez pelas qualidades mesmas de seu talento poético.

Na verdade, essa transição envolvia mais coisas, além das questões formais a que me referi: envolvia o abandono de uma visão de mundo impregnada de religiosidade e simbologia – característica daquela fase de nossa literatura – em troca de uma outra, oposta, identificada com o cotidiano banal e intrascendente.

No entanto, quando digo que Manuel Bandeira realizou essa transição, não ignoro o modo como isso se deu. Ou seja, se ele passa a escrever não mais como “poeta” – no sentido acadêmico do termo – e, sim, como um homem comum, não chega de fato a livrar-se inteiramente de certas reminiscências que nos remetem a seus poemas da fase anterior, como os do livro *A cinza das horas*.

A transição a que me refiro começa, na verdade, com o livro *Carnaval* – em cujos poemas ainda prevalecem a métrica e a rima –, seguido de *O ritmo dissoluto*, para ampliar-se em *Libertinagem*, livro imediatamente anterior a este, *Estrela da manhã*, cuja primeira edição, de apenas 50 exemplares, é de 1936. A transição se dá aos poucos, como se pode observar ao ler, por exemplo, o poema “A morte de Pã” (*Carnaval*), que versa a figura mitológica do deus grego, muito longe ainda dos temas cotidianos que definem a poesia moderna e que passarão a predominar em seus livros posteriores. Por isso mesmo, se a consequência futura da opção feita pelo poeta será a ruptura com o passado, fica evidente que ela se dá como consequência final desse referido processo de transição, que assume, por isso mesmo, importância histórica, naquela fase de nascimento da poesia moderna

brasileira. Isso é implicitamente admitido por poetas de gerações posteriores, como Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes, que o reconhecem como mestre.

Na verdade, o domínio da poética consagrada, de que dá demonstração cabal no livro de estreia, a amplitude dos temas ali explorados e, em seguida, a irreverência com que passa a tratar os valores consagrados, fazem dele um exemplo único desse momento de nossa história literária, pois, de certo modo, ajuda a determinar-lhe o futuro.

É nesse quadro que se situa *Estrela da manhã*, cujo poema título é por si só a expressão do caminho que sua poesia irá percorrer. Não um caminho novo do ponto de vista formal, mas, sim, de conteúdo. Vou tentar ser mais claro: nesse poema, deparamo-nos com uma atitude inusitada e contraditória, que parece dominar o espírito do poeta, uma vez que ele quer a estrela da manhã, não sabe onde ela estará, mas a quer desesperadamente, não importa se pura ou degradada até a última baixeza.

Trata-se, evidentemente, de uma posse simbólica, já que ninguém pode pretender possuir uma estrela, ainda que degradada. O que o poeta expressa, no fundo, é seu despreço pelos valores que a poesia tradicional consagrara: a pureza, o amor ideal, a busca da perfeição, e conseqüentemente uma irreverência bem-humorada, que distinguirá sua poesia. Embora aquele não seja o primeiro poema em que esta questão se coloca, ela aqui aparece de modo mais explícito e contundente.

Tanto isso é verdade que, noutro poema do mesmo livro, ele escreve: “Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?/ – O que eu vejo é o beco”. Trata-se de uma atitude diametralmente oposta à do poema anterior, em que repelia qualquer conformismo ou conveniência. Agora, aceita o beco porque ele é a realidade, o que tem diante de si; o sonho não importa.

Mas a contradição é, de fato, aparente, porque o que ele nos comunica, neste livro, como nos dois anteriores, é que o mundo, de que nos falava a poesia do passado, era puro porque não

existia. Parece dizer-nos: ou aceitamos a impureza do real ou fugimos dele, como os poetas do passado. No caso de Bandeira, portanto, a opção está feita: mais vale o beco, que tenho diante de mim, do que a linha do horizonte que não vejo.

Noutras palavras, é na descoberta da beleza das coisas cotidianas que reside a nova poesia. O que importa, para o poeta, é que ela nos encante como uma estrela da manhã, mais terrestre que celeste.

*Ferreira Gullar*

## Estrela da manhã

Eu quero a estrela da manhã  
Onde está a estrela da manhã?  
Meus amigos meus inimigos  
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua  
Desapareceu com quem?  
Procurem por toda parte

Digam que sou um homem sem orgulho  
Um homem que aceita tudo  
Que me importa?  
Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites  
Fui assassino e suicida  
Ladrão, pulha, falsário

Virgem malsexuada  
Atribuladora dos aflitos  
Girafa de duas cabeças  
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros  
Pecai com os sargentos  
Pecai com os fuzileiros navais  
Pecai de todas as maneiras  
Com os gregos e com os troianos  
Com o padre e com o sacristão  
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra e direi  
coisas de uma ternura tão simples  
Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte  
Pura ou degradada até a última baixeza  
Eu quero a estrela da manhã.

## Canção das duas Índias

Entre estas Índias de leste  
E as Índias ocidentais  
Meu Deus que distância enorme  
Quantos Oceanos Pacíficos  
Quantos bancos de corais  
Quantas frias latitudes!  
Ilhas que a tormenta arrasa  
Que os terremotos subvertem  
Desoladas Marambais  
Sirtes sereias Medeias  
Púbis a não poder mais  
Altos como a estrela-d'alva  
Longínquos como Oceanias  
– Brancas, sobrenaturais –  
Oh inacessíveis praias!...

**1931**

## Poema do beco

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?  
– O que eu vejo é o beco.

**1933**

## Balada das três mulheres do sabonete Araxá

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me  
bouleversam, me hipnotizam.

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Que outros, não eu, a pedra cortem

Para brutais vos adorarem,

Ó brancaranas azedas,

Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata

Ou celestes africanas:

Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete  
Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete  
Araxá?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?

São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?

A mais nua é doirada borboleta.

Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e  
nunca mais telefonava.

Mas se a terceira morresse... Oh, então, nunca mais a minha vida  
outrora teria sido um festim!

Se me perguntassem: Queres ser estrela? queres ser rei? queres  
uma ilha no Pacífico? um bangalô em Copacabana?

Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as  
três mulheres do sabonete Araxá:

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

**Teresópolis, 1931**

## O amor, a poesia, as viagens

Atirei um céu aberto  
Na janela do meu bem:  
Caí na Lapa – um deserto...  
– Pará, capital Belém!...

**1933**

## O desmemoriado de Vigário Geral

Lembrava-se, como se fosse ontem, isto é, há quarenta séculos, que um exército de pirâmides o contemplava. Mas não saberia precisar onde, a que luz ou em que sol de que extinta constelação. Não obstante preferia que fosse na estrela mais branca do cinturão de Órion.

É verdade: havia uma mulher que telefonava. Mas tão distante, meu Deus, que era como se lhe faltasse a ela e para todo o sempre um atributo humano indispensável.

Se lhe propunham exemplos – o xeque do pastor, o pau de amarrar égua, o mal-assombrado de Guapi, futura cidade, ele dissimulava. Era então horrível de se ver.

Afinal um dia foi encontrado morto e quando já nem tudo era possível, uma aventura banal.

## A filha do rei

Aquela cor de cabelos  
Que eu vi na filha do rei  
– Mas vi tão subitamente –  
Será a mesma cor da axila,  
Do maravilhoso pente?  
Como agora o saberei?  
Vi-a tão subitamente!  
Ela passou como um raio:  
Só vi a cor dos cabelos.  
Mas o corpo, a luz do corpo?...  
Como seria o seu corpo?...  
Jamais o conhecerei!

## Cantiga

Nas ondas da praia  
Nas ondas do mar  
Quero ser feliz  
Quero me afogar.

Nas ondas da praia  
Quem vem me beijar?  
Quero a estrela-d'alva  
Rainha do mar.

Quero ser feliz  
Nas ondas do mar  
Quero esquecer tudo  
Quero descansar.

## Marinheiro triste

Marinheiro triste  
Que voltas para bordo  
Que pensamentos são  
Esses que te ocupam?  
Alguma mulher  
Amante de passagem  
Que deixaste longe  
Num porto de escala?  
Ou tua amargura  
Tem outras raízes  
Largas fraternais  
Mais nobres mais fundas?  
Marinheiro triste  
De um país distante  
Passaste por mim  
Tão alheio a tudo  
Que nem pressentiste  
Marinheiro triste  
A onda viril  
De fraterno afeto  
Em que te envolvi.

Ias triste e lúcido  
Antes melhor fora  
Que voltasses bêbedo  
Marinheiro triste!

E eu que para casa  
Vou como tu vais  
Para o teu navio,  
Feroz casco sujo  
Amarrado ao cais,  
Também como tu  
Marinheiro triste

Vou lúcido e triste.

Amanhã terás  
Depois que partires  
O vento do largo  
O horizonte imenso  
O sal do mar alto!  
Mas eu, marinheiro?

– Antes melhor fora  
Que voltasse bêbedo!

## Boca de forno

Cara de cobra,  
Cobra!  
Olhos de louco,  
Louca!

Testa insensata  
Nariz Capeto  
Cós do Capeta  
Donzela rouca  
Porta-estandarte  
Joia boneca  
De maracatu!

Pelo teu retrato  
Pela tua cinta  
Pela tua carta  
Ah tôtô meu santo  
Eh Abaluaê  
Inhansã boneca  
De maracatu!

No fundo do mar  
Há tanto tesouro!  
No fundo do céu  
Há tanto suspiro!  
No meu coração  
Tanto desespero!

Ah tôtô meu pai  
Quero me rasgar  
Quero me perder!

Cara de cobra,  
Cobra!  
Olhos de louco,

Louca!  
Cussaruim boneca  
De maracatu!

## Oração a Nossa Senhora da Boa Morte

Fiz tantos versos a Teresinha...  
Versos tão tristes, nunca se viu!  
Pedi-lhe coisas. O que eu pedia  
Era tão pouco! Não era glória...  
Nem era amores... Nem foi dinheiro...  
Pedia apenas mais alegria:  
Santa Teresa nunca me ouviu!

Para outras santas voltei os olhos.  
Porém as santas são impassíveis  
Como as mulheres que me enganaram.  
Desenganei-me das outras santas  
(Pedi a muitas, rezei a tantas)  
Até que um dia me apresentaram  
A Santa Rita dos Impossíveis.

Fui despachado de mãos vazias!  
Dei volta ao mundo, tentei a sorte.  
Nem alegrias mais peço agora,  
Que eu sei o avesso das alegrias.  
Tudo que viesse, viria tarde!  
O que na vida procurei sempre,  
– Meus impossíveis de Santa Rita, –  
Dar-me-eis um dia, não é verdade?  
Nossa Senhora da Boa Morte!

**1931**

## Momento num café

Quando o enterro passou  
Os homens que se achavam no café  
Tiraram o chapéu maquinalmente  
Saudavam o morto distraídos  
Estavam todos voltados para a vida  
Absortos na vida  
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado  
Olhando o esquife longamente  
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade  
Que a vida é traição  
E saudava a matéria que passava  
Liberta para sempre da alma extinta.

## Contrição

Quero banhar-me nas águas límpidas  
Quero banhar-me nas águas puras  
Sou a mais baixa das criaturas  
Me sinto sórdido

Confiei às feras as minhas lágrimas  
Rolei de borco pelas calçadas  
Cobri meu rosto de bofetadas  
Meu Deus valei-me

Vozes da infância contai a história  
Da vida boa que nunca veio  
E eu caía ouvindo-a no calmo seio  
Da eternidade.

# Chanson des petits esclaves

Constellations  
Maîtresses vraiment  
Trop insouciantes  
O petits esclaves  
Secouez vos chaînes

Les cieux sont plus sombres  
Que les beaux miroirs  
Finis les tracas  
Finie toute peine.

O petits esclaves  
Black-boulez les reines

La folle journée  
J'aurai vite fait  
D'avoir mis d'emblée  
Toutes les sirènes  
Sous mes arrosoirs

Car voici demain

O petits esclaves  
Secouez vos chaînes  
Donnez-vous la main.

## Sacha e o poeta

Quando o poeta aparece,  
Sacha levanta os olhos claros,  
Onde a surpresa é o sol que vai nascer.

O poeta a seguir diz coisas incríveis,  
Desce ao fogo central da Terra,  
Sobe na ponta mais alta das nuvens,  
Faz gurugutu pif paf,  
Dança de velho,  
Vira Exu.  
Sacha sorri como o primeiro arco-íris.

O poeta estende os braços, Sacha vem com ele.

A serenidade voltou de muito longe.  
Que se passou do outro lado?  
Sacha mediunizada  
– Ah-pa-papapá-papá –  
Transmite em Morse ao poeta  
A última mensagem dos Anjos.

**1931**

# Jacqueline

Jacqueline morreu menina.

Jacqueline morta era mais bonita do que os anjos.

Os anjos!... Bem sei que não os há em parte alguma.

Há é mulheres extraordinariamente belas que morrem ainda meninas.

Houve tempo em que olhei para os teus retratos de menina como olho agora para a pequena imagem de Jacqueline morta.

Eras tão bonita!

Eras tão bonita, que merecerias ter morrido na idade de Jacqueline

– Pura como Jacqueline.

## D. Janaína

D. Janaína  
Sereia do mar  
D. Janaína  
De maiô encarnado  
D. Janaína  
Vai se banhar.

D. Janaína  
Princesa do mar  
D. Janaína  
Tem muitos amores  
É o rei do Congo  
É o rei de Aloanda  
É o sultão dos matos  
É S. Salavá!

Saravá saravá  
D. Janaína  
Rainha do mar!

D. Janaína  
Princesa do mar  
Dai-me licença  
Pra eu também brincar  
No vosso reinado.

## Trucidaram o rio

Prendei o rio  
Maltratai o rio  
Trucidai o rio  
A água não morre  
A água que é feita  
De gotas inermes  
Que um dia serão  
Maiores que o rio  
Grandes como o oceano  
Fortes como os gelos  
Os gelos polares  
Que tudo arrebetam.

**1935**

## Trem de ferro

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo

Na fornalha

Que eu preciso

Muita força

Muita força

Muita força

Oô...

Foge, bicho

Foge, povo

Passa ponte

Passa poste

Passa pasto

Passa boi

Passa boiada

Passa galho

De ingazeira

Debruçada

No riacho

Que vontade

De cantar!

Oô...

Quando me prendero  
No canaviá  
Cada pé de cana  
Era um oficiá  
Oô...  
Menina bonita  
Do vestido verde  
Me dá tua boca  
Pra matá minha sede  
Oô...  
Vou mimbora vou mimbora  
Não gosto daqui  
Nasci no sertão  
Sou de Ouricuri  
Oô...

Vou depressa  
Vou correndo  
Vou na toda  
Que só levo  
Pouca gente  
Pouca gente  
Pouca gente...

## Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

**1933**

## Conto cruel

A uremia não o deixava dormir. A filha deu uma injeção de sedol.

– Papai verá que vai dormir.

O pai aquietou-se e esperou. Dez minutos... Quinze minutos... Vinte minutos... Quem disse que o sono chegava? Então, ele implorou chorando:

– Meu Jesus-Cristinho!

Mas Jesus-Cristinho nem se incomodou.

## Os voluntários do Norte

*“São os do Norte que vêm”*

Tobias Barreto

Quando o menino de engenho  
Chegou exclamando: – “Eu tenho,  
Ó Sul, talento também!”,  
Faria, gesticulando,  
Saiu à rua gritando:  
– “São os do Norte que vêm!”

Era um tumulto horroroso!  
– “Que foi?” indagou Cardoso  
Desembarcando de um trem.  
E inteirou-se. Senão quando,  
Os dois saíram gritando:  
– “Ê vêm os do Norte! Ê vêm!...”

Aos dois juntou-se o Vinícius  
De Moraes, flor dos Vinícius,  
E Melo Moraes também!  
– “Que foi?” as gentes falavam...  
E os três amigos bradavam:  
– “São os do Norte que vêm!”

Nisso aparece em cabelo  
O novelista Rebelo,  
Que é Dias da Cruz também!  
Mais uma voz para o coro!  
E foi um tremendo choro:  
– “Ê vêm os do Norte! Ê vêm!...”

E o clamor ia engrossando  
Num retumbar formidando  
Pelas cidades além...  
– “Que foi?” as gentes falavam,

E eles pálidos bradavam:  
– “São os do Norte que vêm!”

## Rondó dos cavalinhos

Os cavalinhos correndo,  
E nós, cavalões, comendo...  
Tua beleza, Esmeralda,  
Acabou me enlouquecendo.

Os cavalinhos correndo,  
E nós, cavalões, comendo...  
O sol tão claro lá fora,  
E em minh'alma – anoitecendo!

Os cavalinhos correndo,  
E nós, cavalões, comendo...  
Alfonso Reyes partindo,  
E tanta gente ficando...

Os cavalinhos correndo,  
E nós, cavalões, comendo...  
A Itália falando grosso,  
A Europa se avacalhando...

Os cavalinhos correndo,  
E nós, cavalões, comendo...  
O Brasil politicando,  
Nossa! A poesia morrendo...  
O sol tão claro lá fora,  
O sol tão claro, Esmeralda,  
E em minh'alma – anoitecendo!

## Nietzschiana

- Meu pai, ah que me esmaga a sensação do nada!
  - Já sei, minha filha... É atavismo.
- E ela reluzia com as mil cintilações do Êxito intacto.

## Rondó do Palace Hotel

No hall do Palace o pintor  
Cícero Dias entre o Pão  
De Açúcar e um caixão de enterro  
(É um rei andrógino que enterram?)  
Toca um jazz de pandeiros com a mão  
Que o Blaise Cendrars perdeu na guerra.

Deus do céu, que alucinação!  
Há uma criatura tão bonita  
Que até os olhos parecem nus:  
Nossa Senhora da Prostituição!  
– “Garçom, cinco martinis!” Os  
Adolescentes cheiram éter  
No hall do Palace.

Aqui ninguém dá atenção aos préstitos  
(Passa um clangor de clubes lá fora):  
Aqui dança-se, canta-se, fala-se  
E bebe-se incessantemente  
Para esquecer a dor daquilo  
Por alguém que não está presente  
No hall do Palace.

## Declaração de amor

Juiz de Fora! Juiz de Fora!  
Guardo entre as minhas recordações  
Mais amoráveis, mais repousantes  
Tuas manhãs!

Um fundo de chácara na Rua Direita  
Coberto de trapuerabas.  
Uma velha jabuticabeira cansada de doçura.  
Tuas três horas da tarde...  
Tuas noites de cineminha namorisqueiro...  
Teu lindo parque senhorial mais segundo-reinado do que a  
própria Quinta da Boa Vista...  
Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...

Juiz de Fora! Juiz de Fora!  
Tu tão de dentro deste Brasil!  
Tão docemente provinciana...  
Primeiro sorriso de Minas Gerais!

## Flores murchas

Pálidas crianças  
Mal desabrochadas  
Na manhã da vida!  
Tristes asiladas  
Que pendeis cansadas  
Como flores murchas!

Pálidas crianças  
Que me recordais  
Minhas esperanças!

Pálidas meninas  
Sem amor de mãe,  
Pálidas meninas  
Uniformizadas,  
Quem vos arrancara  
Dessas vestes tristes  
Onde a caridade  
Vos amortalhou!

Pálidas meninas  
Sem olhar de pai,  
Ai quem vos dissera,  
Ai quem vos gritara:  
– Anjos, debandai!

Mas ninguém vos diz  
Nem ninguém vos dá  
Mais que o olhar de pena  
Quando desfilais,  
Açucenas murchas,  
Procissão de sombras!

Ao cair da tarde  
Vós me recordais

– Ó meninas tristes! –  
Minhas esperanças!  
Minhas esperanças  
– Meninas cansadas,  
Pálidas crianças  
A quem ninguém diz:  
– Anjos, debandai!...

## **A estrela e o anjo**

Vésper caiu cheia de pudor na minha cama  
Vésper em cuja ardência não havia a menor parcela de  
sensualidade

Enquanto eu gritava o seu nome três vezes  
Dois grandes botões de rosa murcharam

E o meu anjo da guarda quedou-se de mãos postas no desejo  
insatisfeito de Deus.

# Cronologia

## 1886

A 19 de abril, nasce Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, em Recife. Seus pais, Manuel Carneiro de Souza Bandeira e Francelina Ribeiro de Souza Bandeira.

## 1890

A família se transfere para o Rio de Janeiro, depois para Santos, São Paulo e novamente para o Rio de Janeiro.

## 1892

Volta para Recife.

## 1896-1902

Novamente no Rio de Janeiro, cursa o externato do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II.

## 1903-1908

Transfere-se para São Paulo, onde cursa a Escola Politécnica. Por influência do pai, começa a estudar arquitetura. Em 1904, doente (tuberculose), volta ao Rio de Janeiro para se tratar. Em seguida, ainda em tratamento, reside em Campanha, Teresópolis, Maranguape, Uruquê e Quixeramobim.

## 1913

Segue para a Europa, para tratar-se no sanatório de Clavadel, Suíça. Tenta publicar um primeiro livro, *Poemetos melancólicos*, perdido no sanatório quando o poeta retorna ao Brasil.

## 1916

Morre a mãe do poeta.

## 1917

Publica o primeiro livro, *A cinza das horas*.

## 1918

Morre a irmã do poeta, sua enfermeira desde 1904.

## 1919

Publica *Carnaval*.

## 1920

Morre o pai do poeta.

## 1922

Em São Paulo, Ronald de Carvalho lê o poema “Os sapos”, de *Carnaval*, na Semana de Arte Moderna.  
Morre o irmão do poeta.

## **1924**

Publica *Poesias*, que reúne *A cinza das horas*, *Carnaval* e *O ritmo dissoluto*.

## **1925**

Começa a escrever para o “Mês Modernista”, página dos modernistas em *A Noite*.

Exerce a crítica musical nas revistas *A Ideia Ilustrada* e *Ariel*.

## **1926**

Como jornalista, viaja por Salvador, Recife, João Pessoa, Fortaleza, São Luís e Belém.

## **1928-1929**

Viaja a Minas Gerais e São Paulo. Como fiscal de bancas examinadoras, viaja para Recife. Começa a escrever crônicas para o *Diário Nacional*, de São Paulo, e *A Província*, do Recife.

## **1930**

Publica *Libertinagem*.

## **1935**

Nomeado pelo ministro Gustavo Capanema inspetor de ensino secundário.

## **1936**

Publica *Estrela da manhã*, em edição fora de comércio.

Os amigos publicam *Homenagem a Manuel Bandeira*, com poemas, estudos críticos e comentários sobre sua vida e obra.

## **1937**

Publica *Crônicas da Província do Brasil*, *Poesias escolhidas* e *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*.

## **1938**

Nomeado pelo ministro Gustavo Capanema professor de literatura do Colégio Pedro II e membro do Conselho Consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Publica *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana* e o ensaio *Guia de Ouro Preto*.

## **1940**

Publica *Poesias completas* e os ensaios *Noções de história das literaturas* e *A autoria das “Cartas chilenas”*.

Eleito para Academia Brasileira de Letras.

**1941**

Exerce a crítica de artes plásticas em *A Manhã*, do Rio de Janeiro.

**1942**

Eleito membro da Sociedade Felipe d'Oliveira. Organiza *Sonetos completos e poemas escolhidos*, de Antero de Quental.

**1943**

Nomeado professor de literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia. Deixa o Colégio Pedro II.

**1944**

Organiza as *Obras poéticas de Gonçalves Dias* e publica uma nova edição das *Poesias completas*.

**1945**

Publica *Poemas traduzidos*.

**1946**

Publica *Apresentação da poesia brasileira, Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos* e, no México, *Panorama de la poesía brasileña*. Conquista o Prêmio de Poesia do IBEC.

**1948**

Publica *Poesias completas, Poesias escolhidas, Mafuá do malungo: jogos onomásticos e outros versos de circunstância*, em edição fora de comércio, e uma nova edição aumentada de *Poemas traduzidos*. Organiza *Rimas*, de José Albano.

**1949**

Publica o ensaio *Literatura hispano-americana*.

**1951**

A convite de amigos, candidata-se a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro, mas não se elege.

Publica nova edição, novamente aumentada, das *Poesias completas*.

**1952**

Publica *Opus 10*, em edição fora de comércio, e a biografia *Gonçalves Dias*.

**1954**

Publica as memórias *Itinerário de Pasárgada* e o livro de ensaios *De poetas e de poesia*.

## **1955**

Publica *50 poemas escolhidos pelo autor* e *Poesias*. Começa a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e *Folha da Manhã*, de São Paulo.

## **1956**

Publica o ensaio *Versificação em língua portuguesa*, uma nova edição de *Poemas traduzidos* e, em Lisboa, *Obras poéticas*.

Aposentado compulsoriamente como professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia.

## **1957**

Publica o livro de crônicas *Flauta de papel* e a edição conjunta *Itinerário de Pasárgada/De poetas e de poesia*.

Viaja para Holanda, Inglaterra e França.

## **1958**

Publica *Poesia e prosa* (obra reunida, em dois volumes), a antologia *Gonçalves Dias*, uma nova edição de *Noções de história das literaturas* e, em Washington, *Brief History of Brazilian Literature*.

## **1959**

Publica *Pasárgada*, em edição fora de comércio.

## **1960**

Publica *Alumbramentos* e *Estrela da tarde*, ambos em edição fora de comércio, e, em Paris, *Poèmes*.

## **1961**

Publica *Antologia poética*. Começa a escrever crônicas para o programa Quadrante, da Rádio Ministério da Educação.

## **1962**

Publica *Poesia e vida de Gonçalves Dias*.

## **1963**

Publica a segunda edição de *Estrela da tarde* (acrescida de poemas inéditos e da tradução de *Auto sacramental do Divino Narciso*, de Sórora Juana Inés de la Cruz) e a antologia *Poetas do Brasil*, organizada em parceria com José Guilherme Merquior. Começa a escrever crônicas para o programa Vozes da cidade, da Rádio Roquette Pinto.

## **1964**

Publica em Paris o livro *Manuel Bandeira*, com tradução e organização de Michel Simon, e, em Nova York, *Brief History of Brazilian Literature*.

## **1965**

Publica *Rio de Janeiro em prosa & verso*, livro organizado em parceria com Carlos Drummond de Andrade, *Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista* e, em edição fora de comércio, o álbum *Preparação para a morte*.

### **1966**

Recebe, das mãos do presidente da República, a Ordem do Mérito Nacional. Publica *Os reis vagabundos e mais 50 crônicas*, com organização de Rubem Braga, *Estrela da vida inteira* (poesia completa) e o livro de crônicas *Andorinha, andorinha*, com organização de Carlos Drummond de Andrade. Conquista o título de Cidadão Carioca, da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, e o Prêmio Moinho Santista.

### **1967**

Publica *Poesia completa e prosa*, em volume único, e a *Antologia dos poetas brasileiros da fase moderna*, em dois volumes, organizada em parceria com Walmir Ayala.

### **1968**

Publica o livro de crônicas *Colóquio unilateralmente sentimental*.  
Falece a 13 de outubro, no Rio de Janeiro.

# Bibliografia básica sobre Manuel Bandeira

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entre Bandeira e Oswald de Andrade. In: \_\_\_\_\_. *Tempo vida poesia: confissões no rádio*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

\_\_\_\_\_ et al. *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Typ. do *Jornal do Commercio*, 1936. 2. ed. fac-similar, São Paulo: Metal Leve, 1986.

ANDRADE, Mário de. A poesia em 1930. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.

ARRIGUCCI JR., Davi. A beleza humilde e áspera. In: \_\_\_\_\_. *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. Achados e perdidos. In: \_\_\_\_\_. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. O humilde cotidiano de Manuel Bandeira. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BACIU, Stefan. *Manuel Bandeira de corpo inteiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Manuel Bandeira, 100 anos de poesia: síntese da vida e obra do poeta maior do Modernismo*. Recife: Pool, 1988.

\_\_\_\_\_. Manuel Bandeira, estudante do Colégio Pedro II. In: \_\_\_\_\_. *Achados do vento*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1958.

BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BRASIL, Assis. *Manuel e João: dois poetas pernambucanos*. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.

CANDIDO DE MELLO E SOUZA, Antonio. Carrossel. In: \_\_\_\_\_. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_; SOUZA, Gilda de Mello. Introdução. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

CARPEAUX, Otto Maria. Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *Ensaaios reunidos: 1942-1968*. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks, 1999.

\_\_\_\_\_. Última canção – vasto mundo. In: \_\_\_\_\_. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

CASTELLO, José Aderaldo. Manuel Bandeira – sob o signo da infância. In: \_\_\_\_\_. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999. v. 2.

COELHO, Joaquim-Francisco. *Biopoética de Manuel Bandeira*. Recife: Massangana, 1981.

\_\_\_\_\_. *Manuel Bandeira pré-modernista*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

CORRÊA, Roberto Alvim. Notas sobre a poesia de Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *Anteu e a crítica: ensaios literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

COUTO, Ribeiro. *Três retratos de Manuel Bandeira*. Organização de Elvia Bezerra. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Forma e alumbramento: poética e poesia em Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004.

FONSECA, Edson Nery da. *Alumbramentos e perplexidades: vivências bandeirianas*. São Paulo: Arx, 2002.

FREYRE, Gilberto. A propósito de Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *Tempo de aprendiz*. São Paulo: Ibrasa; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

\_\_\_\_\_. Dos oito aos oitenta. In: \_\_\_\_\_. *Prefácios desgarrados*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978. v. 2.

\_\_\_\_\_. Manuel Bandeira em três tempos. In: \_\_\_\_\_. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2. ed. aumentada, Rio de Janeiro: Record, 1987. 3. ed. revista, São Paulo: Global, 2011.

GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura: poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Ática, 1998.

GARDEL, André. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informa-ção Cultural/Divisão de Editoração, 1996.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Do penumbrismo ao Moder-nismo: o primeiro Bandeira e outros poetas significativos*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Traços marcantes no percurso poético de Manuel Bandeira*. São Paulo: Humanitas, 2005.

GOYANNA, Flávia Jardim Ferraz. *O lirismo antirromântico em Manuel Bandeira*. Recife: Fundarpe, 1994.

GRIECO, Agrippino. Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *Poetas e prosadores do Brasil: de Gregório de Matos a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Manuel Bandeira: beco e alumbramento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Por que ler Manuel Bandeira*. São Paulo: Globo, 2008.

IVO, Lêdo. *A república da desilusão: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

\_\_\_\_\_. Estrela de Manuel. In: \_\_\_\_\_. *Poesia observada: ensaios sobre a criação poética e matérias afins*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

\_\_\_\_\_. *O preto no branco: exegese de um poema de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: São José, 1955.

JUNQUEIRA, Ivan. Humildade, paixão e morte. In: \_\_\_\_\_. *Prosa dispersa: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.

\_\_\_\_\_. *Testamento de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2. ed. revista, 2003.

KOSHIYAMA, Jorge. O lirismo em si mesmo: leitura de “Poética” de Manuel Bandeira. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Rocha. *Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). *Manuel Bandeira: verso e reverso*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

MARTINS, Wilson. Bandeira e Drummond... In: \_\_\_\_\_. *Pontos de vista: crítica literária 1954-1955*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. v. 1.

\_\_\_\_\_. Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *A literatura brasileira: o Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1965. v. 6.

MERQUIOR, José Guilherme. O Modernismo e três dos seus poetas. In: \_\_\_\_\_. *Crítica 1964-1989: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1952.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

MORAES, Emanuel de. *Manuel Bandeira: análise e interpretação literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

MOURA, Murilo Marcondes de. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Publifolha, 2001.

MURICY, Andrade. Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre: Globo, 1936.

\_\_\_\_\_. Manuel Bandeira. In: \_\_\_\_\_. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1973. v. 2.

PAES, José Paulo. Bandeira tradutor ou o esquizofrênico incompleto. In: \_\_\_\_\_. *Armazém literário: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Pulmões feitos coração. In: \_\_\_\_\_. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PONTIERO, Giovanni. *Manuel Bandeira: visão geral de sua obra*. Tradução de Terezinha Prado Galante. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ROSENBAUM, Yudith. *Manuel Bandeira: uma poesia da ausência*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SENNA, Homero. Viagem a Pasárgada. In: \_\_\_\_\_. *República das letras: 20 entrevistas com escritores*. 2. ed. revista e ampliada, Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1968.

SILVA, Alberto da Costa e. Lembranças de um encontro. In: \_\_\_\_\_. *O pardal na janela*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

SILVA, Beatriz Folly e; LESSA, Maria Eduarda de Almeida Vianna. *Inventário do arquivo Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. *Homenagem a Manuel Bandeira: 1986-1988*. Niterói: Sociedade Sousa da Silveira; Rio de Janeiro: Monteiro Aranha/Presença, 1989.

SILVEIRA, Joel. Manuel Bandeira, 13 de março de 1966, em Teresópolis: “Venham ver! A vaca está comendo as flores do Rodriguinho. Não vai sobrar uma. Que beleza!”. In: \_\_\_\_\_. *A milésima segunda noite da avenida Paulista e outras reportagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLAÇA, Antonio Carlos. M. B. In: \_\_\_\_\_. *Encontros*. Rio de Janeiro/Brasília: Editora Brasília, 1974.

\_\_\_\_\_. Manuel, Manu. In: \_\_\_\_\_. *Diário de Faxinal do Céu*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

XAVIER, Elódia F. (Org.). *Manuel Bandeira: 1886-1986*. Rio de Janeiro:

UFRJ/Antares, 1986.

XAVIER, Jairo José. *Camões e Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Assuntos Culturais, 1973.

**© Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira**

Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária  
(solombra@solombra.org)

1ª Edição Digital, Global Editora, 2012

**Jefferson L. Alves** – diretor editorial

**Gustavo Henrique Tuna** – editor assistente

**André Seffrin** – coordenação editorial, estabelecimento de texto, cronologia e bibliografia

**Flávio Samuel** – gerente de produção

**Tatiana F. Souza** – assistente editorial

**Tatiana Y. Tanaka** – revisão

**Eduardo Okuno** – projeto gráfico

Imagens:

p. 4 (inf.): reprodução fotográfica de Lucia Loeb de exemplar da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

As demais imagens presentes neste volume pertencem ao Acervo pessoal de Manuel Bandeira, ora em guarda no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/ Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ. *Todas as iniciativas foram tomadas no sentido de estabelecer-se as suas autorias, o que não foi possível em todos os casos. Caso os autores se manifestem, a editora dispõe-se a creditá-los.*

Capa e p. 9: Hélio Santos/*Manchete*; p. 7 (sup.): Nicolas Alagemovitz; p. 8: Juvenil de Sousa/*Manchete*.

A Global Editora agradece à Solombra – Agência Literária pela gentil cessão dos direitos de imagem de Manuel Bandeira.

**CIP-BRASIL. Catalogação na fonte**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

---

B166e

Bandeira, Manuel, 1886-1968

Estrela da manhã [recurso eletrônico] / Manuel Bandeira ;  
[apresentação Ferreira Gullar]. – São Paulo : Global, 2012.  
recurso digital  
Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-260-1761-0 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira 2. Livros eletrônicos. I. Título.

12-7316.

CDD: 869.91  
CDU: 821.134.3(81)-

---

Obra atualizada conforme o  
**Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**

**global**  
editora

Direitos Reservados  
**global editora e distribuidora ltda.**

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade  
CEP 01508-020 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141  
e-mail: [global@globaleditora.com.br](mailto:global@globaleditora.com.br)  
[www.globaleditora.com.br](http://www.globaleditora.com.br)



Colabore com a produção científica e cultural.  
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem a autorização do editor.  
Nº de Catálogo: **3397.eb**



Manuel Bandeira

A cinza das horas

global

# A cinza das horas

Bandeira, Manuel

9788526020290

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro de estreia, A cinza das horas é a aurora criativa de um poeta que pouco a pouco depurou seu espírito e seu estilo - estilo que mais tarde o consagrou como um dos autores essenciais da literatura de língua portuguesa. Concebidos ao longo de sua juventude, os poemas de A cinza das horas (1917) revelam um Manuel Bandeira já senhor de sua linguagem a vislumbrar as agruras da condição humana, criando seus primeiros poemas frente às dores do amor e da morte, do desamparo e da solidão. Os poemas mais tocados pela tristeza foram escritos no sanatório de Clavadel, na Suíça, onde o jovem esteve em 1913 para tratamento da tuberculose que o acompanharia pela vida inteira. Seus fortes laços familiares também estão presentes em composições que nos remetem a seus pais, sua irmã e seus avós. Esta 3ª edição, coordenada por André Seffrin, traz um rico caderno iconográfico com diversas fotos de Manuel Bandeira, de seus pais e de poetas homenageados por ele. Além disso, um prospecto, com anotações, do sanatório Cladavel, no qual o jovem se hospedou no período em que escreveu alguns textos desse livro. A obra reúne também imagens das traduções em francês dos poemas Chama e Fumo e Ruço, possivelmente realizadas por Bandeira. Além de notícias em jornais, que fizeram alusão ao lançamento de sua primeira edição.

[Compre agora e leia](#)

literatura  periférica

Colecionador de pedras

**SÉRGIO VAZ**



*global*

## Colecionador de pedras

Vaz, Sérgio

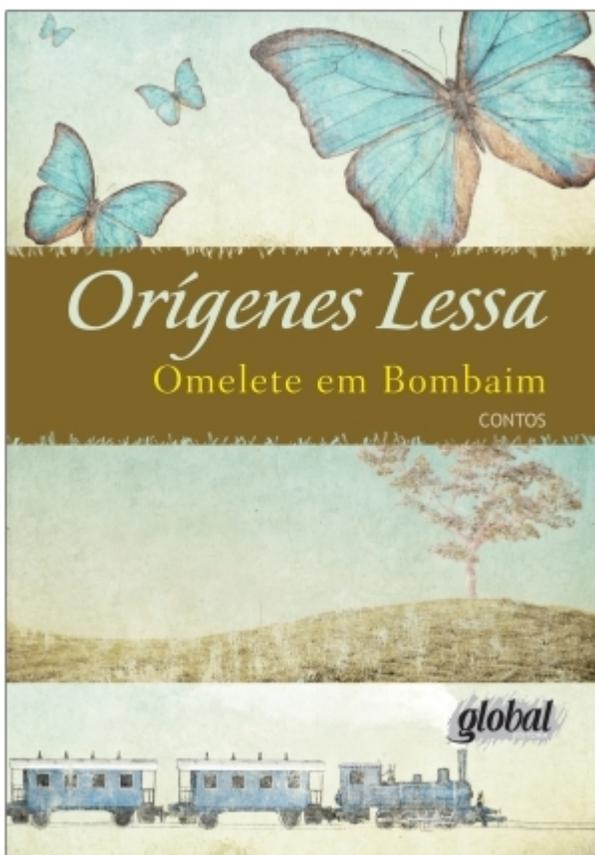
9788526019515

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sérgio Vaz é poeta, e, como poeta, sabe ser simples. Como simples, sabe tecer o coletivo. Como coletivo, sabe ser nós. E como nós, faz-nos grandes ao seu lado. "No meio de uma terra devastada pela canalhice plantada a tantos anos, alguém quer semear a poesia e certamente colherá incompreensão. Os pensamentos vadios do poeta se disseminam quando vê que subindo a ladeira mora a noite, e na margem do vento numa rua de terra ele lê a poesia dos deuses inferiores. Se outros poetas pedem silêncio, ele pede mais barulho. Se outros escritores pedem paz, ele quer guerra". Se você, leitor, quer saber mais do que ora comungo, leia este incansável "Colecionador de pedras", você vai se apaixonar.

[Compre agora e leia](#)



*Orígenes Lessa*

Omelete em Bombaim

CONTOS

global

# Omelete em Bombaim

Lessa, Orígenes

9788526020269

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado primeiramente em 1946, Omelete em Bombaim é o quinto livro de contos de Orígenes Lessa, que a Global Editora leva às livrarias depois de onze anos da publicação do último volume de contos do autor. Esta obra reúne 14 contos, em que suas histórias se passam, predominantemente, na cidade de São Paulo dos anos de 1940. Apenas duas histórias se passam fora de São Paulo: os contos Libertação e As gêmeas. É possível perceber em alguns dos temas desenvolvidos por Orígenes Lessa um toque de imaginação, outros parecem bem próximos da vida e de sua experiência pessoal, podendo ser vistos como um relato de um repórter ou viajante atento a tudo que testemunha. "O que o olhar do autor invariavelmente consegue captar em Omelete em Bombaim são os recortes da vida, instantâneos de pequenos dramas humanos, sempre com um olhar compassivo e solidário", comenta Eliezer Moreira, no posfácio do livro. Segundo Eliezer, o humor e a ironia que marcam os desfechos surpreendentes de algumas das histórias são como uma atenuante ao que há de dramático. Outras são francamente leves, tanto no desenvolvimento como no desfecho, e fazem também o contraponto ao que possa haver de doloroso nas demais. "Mesmo quando escreve romances ou reportagens, novelas ou infanto-juvenis, Orígenes Lessa adota a forma estrutural de conto. O conto é a sua forma natural de expressão e este Omelete em Bombaim, saído num momento de plena

maturidade, é a manifestação acabada da arte por excelência de Orígenes Lessa", opina Eliezer Moreira.

[Compre agora e leia](#)



# O povo brasileiro

Ribeiro, Darcy

9788526019645

483 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem são os brasileiros? Após 30 anos de estudos a respeito de pontos nodais da gênese da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro explana, nesta última obra escrita antes de sua morte, suas opiniões e impressões sobre a formação étnica e cultural do povo brasileiro. A luta dos indígenas para manter viva sua cultura, as agruras sofridas pelos povos africanos aqui escravizados, os dramas vivenciados durante o século XX para a constituição da democracia no Brasil foram alguns dos dilemas históricos abordados pelo mestre Darcy em seus livros. A obra "O Povo Brasileiro" configura-se como um ensaio magnânimo de um pensador que expõe, com propriedade e por meio de uma linguagem clara e ao mesmo tempo exuberante, as agonias e os êxitos da formação nacional.

[Compre agora e leia](#)

# Cecília Meireles

ROMANCEIRO DA  
INCONFIDÊNCIA



# Romanceiro da Inconfidência

Meireles, Cecília

9788526017467

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Romanceiro da Inconfidência, Cecília associa a verdade histórica com tradições e lendas. Utilizando a técnica ibérica dos romances populares, atenta para os autos do processo, às cartas, aos testamentos, à pintura, às modinhas, às estátuas de profetas de Aleijadinho. A poeta recria com intensa beleza o cotidiano, os conflitos e os anseios daquele grupo de sonhadores. Os romances, reconstituindo a história, compõem o fio narrativo. Os cenários, situando os ambientes, marcam as mudanças de atmosfera e localizam os acontecimentos. As falas, por sua vez, representam uma intervenção de Cecília, que tece comentários e leva o leitor à reflexão sobre os fatos históricos. Esta edição comemorativa traz uma fortuna crítica (ensaios de diversos autores que falam sobre a obra) com textos de Alfredo Bosi, Miguel Sanches Neto, Hélio Pólvora, Paulo Rónai, Darcy Damasceno, Waldir Ayala, Maria da Glória Bordini e Flávio Loureiro Chaves, além de um caderno de fotos de Cecília Meireles em viagem pelas cidades históricas mineiras. Os poemas aqui reunidos – cada qual com vida própria – formam um longo e único poema, lírico e épico ao mesmo tempo em que conta a história de Tiradentes, o mártir da Inconfidência Mineira. Elaborado por meio de uma profunda pesquisa, a conspiração revolucionária de poetas é recriada com maestria pela imensa poeta Cecília Meireles. A mim, o que mais me doera, se eu fora o tal Tiradentes, era o sentir-me mordido por esse em quem pôs os

denes. Mal-empregado trabalho, na boca dos maldizentes! [...]  
(Romance XLVI ou do caixeiro Vicente)

[Compre agora e leia](#)